

## O SILÊNCIO PERANTE O MÍSTICO: ATITUDE FILOSÓFICA-EXISTENCIAL HUMANA NO TRACTATUS DE WITTGENSTEIN

Willian José Nunes\*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar a valorização do silêncio enquanto atitude rigorosamente filosófica e puramente humana frente ao místico. Uma vez que é utilizado como base a obra *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein, põem-se em análise o que se pode dizer e o que somente se pode mostrar, sendo que nesse último tanto os pensamentos quanto as conclusões científicas são incapazes de dar algum sentido. O problema surge na própria atitude do ser humano frente às questões que estão para além da capacidade de pensar, que estão fora do mundo, sendo que procurar explicar o indizível é já um erro lógico do qual o próprio Wittgenstein acusa. Deparando-se com o místico, a atitude mais aceitável é o silêncio, não somente no dizer, mas também no pensar e representar, ela acaba por ser a atitude mais correta por oportunizar o vislumbre do que é mostrado e, de alguma forma, este vislumbre responde às questões mais íntimas da humanidade.

**Palavras-chave:** Wittgenstein; *Tractatus*; dizer; mostrar; silêncio.

## SILENCE BEFORE THE MYSTIC: A HUMAN PHILOSOPHICAL-EXISTENTIAL ATTITUDE IN WITTGENSTEIN'S TRACTATUS

**Abstract:** This article aims to present the appreciation of silence as a strictly philosophical and purely human attitude towards the mystic. Since Wittgenstein's *Tractatus logico-philosophicus* is used as a basis, what can be said and what can only be shown are analyzed, and in the latter both scientific thoughts and conclusions are incapable of giving any meaning. The problem arises in the very attitude of the human being towards questions that are beyond the capacity to think, that are outside the world, and seeking to explain the unspeakable is already a logical error of which Wittgenstein himself accuses. Facing the mystic, the most acceptable attitude is silence, not only in saying, but also in thinking and representing, it turns out to be the most correct attitude for

---

\* Acadêmico do 7º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. E-mail: [uwillianjosenuenes@gmail.com](mailto:uwillianjosenuenes@gmail.com).

providing the opportunity to glimpse what is shown and, Somehow, this glimpse answers humanity's innermost questions.

**Keywords:** Wittgenstein; Tractatus; say; show; silence.

## Considerações iniciais

O silêncio, para Wittgenstein, é uma atitude filosófica do qual o sujeito, enquanto filósofo, deve aderir perante o indizível, perante o próprio místico que se mostra. Esta atitude pode ser à primeira vista imbuída de certa estranheza para o ouvinte, acostumado a uma série de argumentações e proposições dizíveis sobre algo que é indizível, mas acaba por se tornar a atitude mais correta, isto se dá pelo fato de que as questões daquilo que não se pode dizer simplesmente são inexistentes. Para Wittgenstein, quando não se é possível formular uma resposta à pergunta feita, também não é possível formular a questão, pois se existe uma questão deve existir uma resposta, assim, o enigma, dentro do que é dizível e pensável, não existe (WITTGENSTEIN, 2001). Frente às questões que superam o entendimento humano, seja isto pela própria natureza daquilo que não é dizível, e sendo estas as perguntas que mais tocam a existência do ser humano, o filósofo deve dar uma resposta. Partindo disto, é importante se perguntar: qual o real papel do filósofo enquanto consciente desse horizonte? Partindo do método analítico lógico de se fazer filosofia, Wittgenstein sugere um papel esclarecedor do filósofo enquanto investigador de erros lógicos da linguagem, causadores destes pseudos-enigmas:

O método correto da filosofia seria propriamente: nada dizer, senão o que se pode dizer; portanto, proposições da ciência natural – portanto, algo que nada tem a ver com

filosofia; é então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições. Esse método seria, para ele, insatisfatório – não teria sensação de que lhe estivéssemos ensinando filosofia; mas esse seria o único rigorosamente correto (WITTGENSTEIN, 2001, p.281, af<sup>1</sup>.6.54).

Tal aforismo é de impar importância para desvendar o papel do silêncio, descobri uma equivocada ideia de que tudo pode ser conhecido em moldes positivistas, e reconstruí o filósofo como defensor do véu que cobre a ética, estética e a própria lógica. Este escrito intenta, em meio e para além da subida pela escada<sup>2</sup>, um olhar para a realidade, a partir da conclusão do *Tractatus* acerca do papel do filósofo, acima descrito, e salientar a atitude filosófica-existencial do silêncio perante o inefável. Para tanto, se torna necessário o bom entendimento do que se pode dizer e do que está atrelado ao mostrar, sendo este o limite do próprio conhecimento; posterior a isto, baseando-se no aforismo 6.432, que trata da relação indiferente do Altíssimo frente ao mundo de fatos, se relacionando com o sujeito, limite do mundo, de forma diferente, dar-se-á atenção ao papel do filósofo e sua ação enquanto consciente da existência do místico.

---

<sup>1</sup> Af. = Aforismo.

<sup>2</sup> Referência ao aforismo 6.54 do *Tractatus*, em que Wittgenstein afirma: “Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contrassensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela). Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente” (p. 281).

## 1 Dizer e mostrar: os limites do pensamento

Para a análise do dizer e do mostrar, e posterior estudo acerca da subjetividade do ser, é interessante que se parta do pensamento, uma vez que se delimita o dizer no que pode ser pensado. O pensamento se dá enquanto relação de fatos e, sendo o mundo a totalidade dos fatos, o pensamento do ser humano não ultrapassa o mundo. Uma vez adotado estes significados para o pensamento, torna-se necessário a explicação do que Wittgenstein identifica como *fato*, sendo que esse pode ser primeiramente revelado como uma relação complexa de estados de coisas, e os estados de coisas uma ligação de objetos (WITTGENSTEIN, 2001)<sup>3</sup>. O fato pode ser vislumbrado a partir do viés do atomismo lógico, como escreve Moreno, em que os elementos simples formam a base, sendo estes elementos simples os objetos, e a sua combinação acaba por formar elementos complexos, que no caso são os fatos (2000, p.25). O pensamento é a relação dos fatos existentes no mundo de forma lógica, e isso significa que a noção que o ser humano possui das coisas não ultrapassa o mundo.

O mundo, como já visto, é a totalidade dos fatos, e nisto existem os fatos complexos que podem se reduzir à fatos simples que possuem certa proporção

---

<sup>3</sup> Para melhor compreensão do mundo teorizado por Wittgenstein, traz-se os primeiros aforismos de sua obra: "1 O mundo é tudo que é o caso.

1.1 O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas.

1.11 O mundo é determinado pelos fatos, e por serem *todos* os fatos.

1.12 Pois a totalidade dos fatos determina o que é o caso e também tudo o que não é o caso.

1.2 Os fatos no espaço lógico são o mundo.

1.21 Algo pode ser o caso ou não ser o caso e tudo o mais permanecer na mesma.

2 O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas.

(...) 2.0123 Se conheço o objeto, conheço também todas as possibilidades de seu aparecimento em estados de coisas.

(Cada uma dessas possibilidades deve estar na natureza do objeto).

Não se pode encontrar depois uma nova possibilidade" (WITTGENSTEIN, 2001, p. 135).

atômica, na constituição deste fato atômico encontra-se os objetos simples, dos quais não se pode ver, mas que constituem a realidade (PINTO, 2004). Na expressão do pensamento, é necessário investigar tanto o mundo quanto a linguagem, segundo Pinto, pois existe um paralelo entre estes. O autor faz a seguinte comparação:

Uma proposição complexa se reduz a uma articulação lógica de proposições atômicas, enquanto um fato complexo se reduz a uma articulação lógica de fatos atômicos; uma proposição atômica se reduz aos signos simples que a constituem, enquanto um fato atômico se reduz aos objetos simples que o constituem; a forma lógica da linguagem e da ciência já está contida a priori na forma lógica dos signos simples, enquanto a forma lógica da realidade e do mundo já está contida a priori na forma lógica dos objetos simples (PINTO, 2004, p. 8).

Para concluir tal comparação, Pinto afirma que os signos são como a substância da linguagem, enquanto os objetos simples a substância do mundo (2004). Dito isso, usa-se dos aforismos 3 e 4<sup>4</sup> do *Tractatus* para representar o pensamento enquanto responsável pela figuração do mundo vivido em linguagem, sendo as proposições, ocasionadas pela linguagem, intrínsecas de sentido. A linguagem é considerada por Wittgenstein como tão complexa quanto o próprio ser humano (WITTGENSTEIN, 2001), nela existe uma “lógica da linguagem”, em que a extração é impossível, que permite que o ser humano transforme sons em entendimentos, constitui a comunicação entre os seres humanos e a sua conseqüente relação; a base de toda a linguagem é o pensamento, uma vez que “a totalidade das proposições é a linguagem”

---

<sup>4</sup> “3 - A figuração lógica dos fatos é o pensamento” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 147).

“4 - O pensamento é a proposição com sentido” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 165).

(WITTGENSTEIN, 2001, p. 165, af. 4001) e “o pensamento é a proposição com sentido<sup>5</sup>” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 165, af. 4), conseqüentemente, é a proposição lógica.

Posto a investigação acerca do que é dizível, resta perguntar: “Há, então, algo fora da linguagem e do mundo? Wittgenstein responde decididamente: sim! É o místico” (ZILLES, 2001, p. 54), e o místico se mostra<sup>6</sup> (WITTGENSTEIN, 2001), sendo este mostrar o sinônimo do termo “exibir” (*aufweise*) ou mesmo de Místico (*das Mystische*). O mostrar está associado às coisas que escapam do entender humano, ou seja, o sentir-se bem frente à uma obra esteticamente bela, ou à uma atitude considerada como ética, e mesmo a própria lógica escapa do entender humano. Esses três exemplos remetem aos conceitos de Bem e de Belo, de ético e estético, podendo acrescentar o conceito de lógico enquanto impossível de ser dito, apenas mostrado<sup>7</sup>.

(...) Existem três conceitos de mostrar. O primeiro deles, refere-se a uma noção de *mostrar externo* (...). A *estrutura externa da proposição* (por exemplo sua enunciação pela fala ou gesto corresponde ao *estado de coisas* explicito num fato. Já a segunda concepção, diz respeito ao *mostrar interno* o qual é justamente relacionado ao *não-representado* – despossuído de significado (denotação) -, ou seja, aquilo que não pode ser representado. E, por último, na terceira

---

<sup>5</sup> O sentido é a “(...) possibilidade de que uma proposição seja verdadeira ou falsa” (MARTÍNEZ, 2001, p. 45). Ou seja, se em tal proposição existe um valor de verdade.

<sup>6</sup> “Wittgenstein parecia estar utilizando pelo menos duas acepções da palavra “mostrar”: na primeira, a proposição, se é verdadeira, mostra (*zeigt*) como estão as coisas, diz que as coisas estão deste modo (TLP 4.022). Neste sentido da palavra “mostrar” as proposições “dizem” o que mostram. Na segunda acepção, a palavra “mostrar” é sinônimo de “exibir”. O que a proposição deve ter em comum com a realidade para representá-la, isto é, a forma lógica, não pode ser dito senão que se mostra, se exhibe (*aufweise*)” (MARTÍNEZ, 2001, p. 46).

<sup>7</sup> “Wittgenstein concebia essa possibilidade no início de seus trabalhos, quando previu que o simbolismo lógico seria capaz de conter o que nossa linguagem corrente não conseguisse expressar, em outras palavras, a lógica teria um estatuto de universalidade produzindo assim a compreensão de todos os signos linguísticos” (MENDES, 2007, p. 33).

concepção está o *mostrar místico* relacionado ao *inefável*, ou seja, aquilo que não pode ser dito e nem representado (SILVA, 2021, p. 21).

O que diferencia a ética, a estética e a lógica é, como descrito acima, a impossibilidade de uma representação linguística, não de dizer sobre esses conceitos, mas dizer/pensar o que são esses conceitos, uma vez que são indizíveis; da mesma forma acontece com o místico, não se é possível falar o que é o místico, mas, segundo Wittgenstein, é possível falar sobre o místico, como escreve Mendes em sua dissertação:

Assim, é de extrema importância diferenciar que quando Wittgenstein refere que o místico é indizível, não afirma que não se possa falar sobre questões éticas, místicas ou religiosas. Ele quer dizer que não se pode ter a pretensão de sentido, mas que se pode falar. É no *Tractatus* que Wittgenstein se propôs a mostrar o místico de forma monista, ou seja, como substância una da realidade, assim o místico estaria na mesma relação de indizível, mas poderia ser demarcado pelo dizível (2007, p. 32).

Para se falar do místico se inicia da reação que ele causa no existente humano, a reação do assombro: “O assombro é a reação diante ao místico, diante à facticidade do mundo, diante ao fato de que o mundo seja” (MARTÍNEZ, 2001, p. 48). A própria noção de realidade enquanto facticidade faz com que o sujeito se depare com o assombro, o traz a intuição de algo anterior, uma vez que o mundo é dado, não iniciou com a minha presença, mas já era antes do *eu* nele entrar. Wittgenstein, em sua conferência sobre Ética, afirma que a reação pela qual o ser humano percebe que existe algo para além do mundo, enquanto totalidade de fatos, é o assombro, um exemplo por ele trazido é o perceber a

existência: “creio que a melhor forma de descrevê-la<sup>8</sup> é dizer que, quando eu a tenho, *assombro-me ante a existência do mundo*” (WITTGENSTEIN, 1965, p. 8). Em meio a esse assombro, Wittgenstein tenta descrever a sua experiência particular: “Sinto-me então inclinado a usar frases tais como ‘que extraordinário que as coisas existam’ ou ‘que extraordinário que o mundo exista’” (WITTGENSTEIN, 1965, p. 8). Nessa Conferência sobre Ética, Wittgenstein apresenta a insuficiência da linguagem ao tentar demonstrar o que se pode ser somente mostrado, ele busca observar as próprias expressões e demonstra que elas são equívocas e que não tocam o que realmente fora mostrado.<sup>9</sup>

Boa contribuição para a discussão aqui proposta – a relação do dizer e mostrar com o mundo – faz Agnol, propondo em seu livro, *Ética e Linguagem*, um possível diálogo entre Russell e Wittgenstein; no que tange ao dizer e ao mostrar o Wittgenstein de Agnol responde:

– Quero apenas enfatizar, para evitar mal-entendidos, que todas estas questões devem ter, como horizonte fundamental, a dimensão dizer/mostrar. A relação entre falar/calar não pode ser desvinculada daquela que é a distinção mais importante do *Tractatus*. Assim, quando discutirmos<sup>10</sup> sobre a boa vontade é bom ter presente que ela não pode ser dita. Isto vale também para quando tratarmos do que se deve calar e da segunda parte do livro. Recordemos, para estes propósitos, das principais relações

---

<sup>8</sup> Wittgenstein se refere à uma experiência que somente se pode mostrar.

<sup>9</sup> Na conferência, Wittgenstein também aponta outro exemplo, o de se sentir absolutamente seguro, mas tanto este exemplo quanto os descritos no texto, falham ao demonstrar a real experiência do que fora mostrado, Wittgenstein afirma que o uso destas expressões: *assombro; existência; seguro; correto; culpa*, são formas similares às que sente, mas não são realmente o que se denomina de Místico, Ético ou Estético, e, *ipso facto*, não possuem, enquanto fatos, um valor sobrenatural.

<sup>10</sup> Aqui Agnol se refere às discussões posteriores que existem no livro



entre dizer e mostrar<sup>11</sup>: a) toda a proposição que diz, ao mesmo tempo, mostra; b) há pseudoproposições que nada dizem, apenas mostram; c) a tentativa de dizer o que somente pode ser mostrado produz contrassensos; d) pode-se apenas mostrar o indizível (AGNOL, 1995, p. 118).

Findada a diferenciação entre aquilo que é dizível e o que não se pode dizer, apresenta-se agora um estudo especificamente voltado para o mundo enquanto acolhida do místico, ou seja, o papel do filósofo insatisfeito com a limitação do que pode ser dito. No dia 25 de maio de 1915, Wittgenstein escreve em seu diário: “O impulso para o místico origina-se da insatisfação de nossos desejos através da ciência” (WITTGENSTEIN apud ZILLES, 2001, p. 55); percebe-se que não há somente a inquietação lógica do autor frente ao mistério, mas também a inquietação existencial ao não encontrar o sentido do ser humano dentro do mundo, e, outrossim, não conseguir expressá-la em detrimento à limitação da linguagem. Mediante estes desassossegos, o autor escreve em seu último aforismo: “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 281, af.7).

---

<sup>11</sup> Semelhante à Agnol, Margutti Pinto também apresenta quatro classificações da linguagem no que tange ao dizer e mostrar, a saber: “a) aquelas que dizem e mostram – é o caso das proposições fatuais, universais ou particulares, que dizem algo sobre o estado de coisas e mostram sua forma lógica (essência do mundo); b) as que não dizem, mas mostram – é o caso das proposições lógicas, que nada dizem sobre o estado de coisas, mas ainda assim mostram sua forma lógica (essência do mundo); c) aquelas que dizem, mas não mostram – seria o caso de proposições capazes de dizer algo sobre o estado de coisas, sem contudo mostrar sua forma lógica (tais proposições são impossíveis no interior do sistema tractatiano); d) as que não dizem e não mostram – é o caso das contra-sensos, que desrespeitam a lógica da linguagem e, em virtude disso, nada dizem e nada mostram.” (PINTO, 1998, p. 347).

## 2 O silêncio enquanto acolhida do místico

Neste momento, far-se-á uma análise do aforismo 6.432 da obra *Tractatus logico-philosophicus*, em que Wittgenstein afirma: “Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo. Deus não se revela no mundo” (p. 279). Para melhor compreensão, esta análise se dividirá em duas partes, a primeira é a indiferença do Altíssimo frente ao mundo, novamente trazendo um olhar sobre o próprio mundo, demonstrando que o sentido da vida do ser humano não se encontra nos fatos<sup>12</sup>, mas está para além deles; mais adiante, nesta mesma abordagem, também se relatará o motivo pelo qual o *Tractatus logico-philosophicus* é considerado como uma obra sobre a ética. A segunda e última parte deste trabalho, uma vez que “Deus não se revela no mundo”, se dará ênfase propriamente no silêncio, enquanto atitude relacional filosófica-existencial que o ser humano tem para com Deus.

### 2.1 Indiferença do Altíssimo frente ao mundo

Wittgenstein afirma que o mundo é a totalidade dos fatos e que o ser humano figura os fatos e, mesmo sendo a figuração ela mesma um fato, a figuração é um modelo de realidade; a figuração lógica dos fatos é o pensamento, e o pensamento não ultrapassa o mundo, conseqüentemente não ultrapassa o dizível, sendo o fim da filosofia o esclarecimento lógico dos pensamentos (WITTGENSTEIN, 2001). Essas afirmações foram trazidas com finalidade de delimitar o papel da filosofia enquanto a busca do esclarecimento lógico do mundo, assim, após alcançar essa finalidade, a filosofia se silencia.

---

<sup>12</sup> “Os fatos fazem todos parte apenas do problema, não da solução” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 279, af. 6.4321).

A linguagem só pode descrever o mundo através das proposições declarativas ou então utilizar o conteúdo descritivo das mesmas para dar ordens, fazer perguntas e expressar emoções. Qualquer coisa além disso ultrapassa os limites lógicos da linguagem e desemboca no contrassenso (PINTO, 2004, p. 14).

Este é o mundo tal e qual o ser humano o conhece, e que não pode ultrapassar: uma realidade constituída de fatos complexos que são formados por fatos atômicos constituídos por objetos simples, sendo que a forma lógica da realidade e do mundo está contida *a priori* na forma lógica dos objetos (PINTO, 2004). Wittgenstein afirma que este mundo é indiferente ao Altíssimo, dito isto, pode-se acrescentar o aforismo 5.632: “O sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 247), com isso, o sujeito se encontra, da mesma forma que o olho<sup>13</sup>, por detrás da existência aparente do mundo, enquanto *meu* mundo representado; aqui, “tal ‘sujeito’ não passa de um pressuposto da existência do mundo, um simples requisito transcendental (como os ‘objetos’) (...)” (CHAUVIRÉ, 1991, p. 63). Este requisito transcendental, segundo Chauviré, garante que o limite do *meu* mundo seja o limite da minha linguagem<sup>14</sup>. Assim, a ciência e a linguagem não atingem o que é mais importante ao ser humano, não toca os problemas da vida, como diz Wittgenstein no aforismo 6.52. As respostas que busca o ser humano se encontram no mesmo lugar onde se encontra a Ética, enquanto dentro do que Wittgenstein chama de místico ou inefável:

---

<sup>13</sup> Referência ao aforismo 5.633: “Onde no mundo se há de notar um sujeito transcendental? Você diz que tudo se passa aqui como no caso do olho e do campo visual. Mas o olho você realmente não vê. E nada no campo visual permite concluir que é visto a partir do olho” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 247).

<sup>14</sup> Referência ao aforismo 5.6 do *Tractatus*.

Ética e Ciência diferem em função de seus âmbitos: a primeira, o Místico, mostrável, e a última os fatos, o dizível. O caso dos símiles é paradigmático: quando olhamos atrás dos símiles (dos enunciados) da Ética, nada encontramos. A Ética é sobrenatural, ou seja, extra factual – não está no mundo, muito embora lhe seja condição, tal como a Lógica (SANTOS, 2015, p. 116).

O *Tractatus logico-philosophicus* é considerado uma obra de ética explicitamente por esta diferenciação entre o que a ciência é capaz de abarcar e o que dela foge. Neste ínterim, pergunta-se: onde se encontra o relato da ética em meio ao *Tractatus logicus-philosoficus*? A resposta é dada pelo Wittgenstein, apresentada por Agnol: “Na segunda parte do livro: a parte não-escrita. Nesta parte, a moralidade está livre das confusões filosóficas” (AGNOL, 1995, p. 117). Com mesmo ínterim, escreve Moreno:

[...] O *Tractatus* é uma obra de ética porque cria as condições teóricas para que possamos guardar silêncio em relação ao domínio dos valores, e mostra que as soluções aos problemas axiológicos devem ser tentadas fora da filosofia e independentemente de qualquer sistema fundante. O *Tractatus* é uma obra de ética porque soube guardar silêncio sobre as questões da Ética (2000, p. 36).

A ética está fora do estudo científico, uma vez que ela, “na medida em que brota do desejo de dizer algo sobre o sentido último da vida, sobre o absolutamente bom, o absolutamente valioso, não pode ser uma ciência” (WITTGENSTEIN, 1965, p. 15). Nisso se entende o motivo pelo qual Wittgenstein afirma que o Altíssimo, ou seja, o absoluto, não se interessa pelo mundo constituído pelos fatos, pois o mundo dos fatos é o mundo do humano:

[...] nosso mundo é o mundo da totalidade dos fatos. Se bem, o fundamento último do mundo nos foi vedado; o lugar do homem é o do significativo, ou seja, o do fato de poder falar dos fatos, que é um assunto humano, absolutamente humano (MARTÍNEZ, 2001, p. 56).

No místico se encontra o que na ciência se busca, ou melhor, o que todos os humanos buscam. Uma vez que o místico não é alcançado pela linguagem, se manifestando para além da linguagem, fazendo-se indizível. A busca pelo silêncio, enquanto oportunidade subjetiva de abertura para o inefável, se torna uma resposta aos problemas mais íntimos do humano.

## 2.2 “Deus não se revela no mundo”

Na defesa de uma análise lógica do mundo dos fatos se tem um grande ganho, a descoberta daquilo que não se pode ser analisado. Já foi exposto aquilo que Wittgenstein sustenta com o *mostrar*, sendo aquilo que não se pode dizer, mas que marca com certa presença, que é indizível para o pensamento, e que demonstra a existência de algo maior que o ser humano, de forma que ele não o pode dizer. No aforismo, “Deus não se revela no mundo”, é significativo que ele se revela de outra forma que não em meio aos fatos, ou seja, ele se mostra. É o místico que está por trás do mundo que modifica o sujeito enquanto limite do mundo: “A religião, a mística em geral, tem em Wittgenstein o sentido de aquilo que não pode deixar de modificar radicalmente a vida e o pensamento do homem” (MARTÍNEZ, 2001, p. 51). É em meio ao místico que o ser humano encontra resposta às questões que não podem ser respondidas por meio da linguagem, mas o místico é inalcançável no mundo de fatos e na representação da linguagem:

(Estas questões) não podem ser respondidas pela filosofia: o filósofo não possui capacidade nem saber específico para respondê-las: diante delas o filósofo deve calar-se e procurar as respostas como pessoa e não como filósofo. Eis a grande dificuldade: calar-se ante as questões que não podem ser respondidas porque elas não repousam sobre fatos logicamente articulados (MORENO, 2000, p. 36).

Isso, se preferir, é o que Wittgenstein intenta ao escrever o penúltimo aforismo de seu *Tractatum*, “Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela” (2001, p. 281, af. 6.54). Dessa forma, tudo o que foge ao entendimento humano e que surge enquanto tendência do mesmo, por mais que nada acrescente ao conhecimento, como diz Wittgenstein, é digno de profundo respeito e não deve ser ridicularizado (WITTGENSTEIN, 2001).

### Considerações finais

Conclui-se o presente trabalho usando das palavras de Martínez, quando se refere ao final do *Tractatus*, “o único ‘diálogo’ possível com o divino é o silêncio” (2001, p. 86). Assim sendo, a possibilidade de abertura para com o místico, que se revela de forma indizível, se dá por meio do vivenciar o silêncio. Deve-se ainda destacar que o pensar o silêncio pode ser realizado de várias maneiras, mas, como o pensar é limitado aos fatos, nenhuma maneira de *pensar* o silêncio seria a correta, pois no próprio silêncio existe algo de místico que não pode ser falado, mas que, para um observador atento, pode ser mostrado. O silêncio se torna, para o filósofo, uma plausível resposta às questões que a ele se impõem.

O vivenciar silenciosamente a profundidade da vida a torna feliz, isso se dá uma vez que o silêncio, descrito no *Tractatus*, respeita o mistério. Viver o silêncio é vivenciar a humanidade enquanto presente no mundo de fatos com abertura ao mistério que se mostra, é, se preferir, apreciar as respostas das mais íntimas inquietações da humanidade. O que Wittgenstein relata no *Tractatus Logico-philosophicus* é de essencial importância para todo ser humano: o limite do pensar e, mais que isso, a possibilidade de se abrir ao Místico de forma a não o reduzir; isso se torna agora um novo modo de ser não apenas filósofo, mas de ser pessoa, enquanto possuidora de uma profundidade tal que somente pelo silêncio se pode apreciar.

## Referências

AGNOL, Darlei Dall. **Ética e linguagem**: uma introdução ao *Tractatus* de Wittgenstein. Florianópolis: UFSC, 1995.

CHAUVIRÉ, Christiane. **Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

MARTÍNEZ, Horácio. **Subjetividade e silêncio no *Tractatus* de Wittgenstein**. Cascavel: Edunioeste, 2001.

MENDES, Rudimar. **Da ética do indizível à função do silêncio no *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein**. 2007. (Dissertação) – Unisinos, São Leopoldo.

MORENO, Arley. **Wittgenstein**: os labirintos da linguagem. São Paulo: Moderna, 2000.

PINTO, O *Tractatus* de Wittgenstein como obra de iniciação. **Revista Filosofia Unisinos**, v. 5, n. 8, p. 81-121, 2004.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio**: análise do *Tractatus* de Wittgenstein. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

SANTOS, Vinicius de Faria dos. Entre o dizer e o mostrar: Wittgenstein sobre a ética e os valores. **Revista Princípios**, Natal, v. 22, n. 39, p. 93-119, set./dez. 2015.

SILVA, Thiago Radünz da. **As fronteiras do silêncio em Wittgenstein**: a ética e a estética no *Tractatus*. 2021. (Monografia), Passo Fundo.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Conferência sobre ética. In: AGNOL, Darlei Dall. **Ética e linguagem**: uma introdução ao *Tractatus* de Wittgenstein. Florianópolis: UFSC, 1995.

\_\_\_\_\_. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ZILLES, Urbano. **O racional e o místico em Wittgenstein**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.